

# porã, duba

PUC-SP — 29/9/86 — n.º 118



Cláudia Giudice Menezes

Nos dias 21 e 22 o TUCA abriu suas portas para comemorar a reconstrução do teto e do palco. Na foto a apresentação da Orquestra Sinfônica Estadual.

Campanha  
Salarial:  
**Sem acordo,  
professores  
e funcionários  
entram em greve**



# Carta dos editores

Rádio Xilik e pena de morte são assuntos deste jornal. Aparentemente parece nada haver de comum entre eles. As reportagens, no entanto, mostram que na verdade eles se aproximam bastante. São questões que estão no centro da discussão entre o obscurantismo e a liberdade. Não é à toa que as duas despertam apaixonadas discussões.

O repórter Enor Paiano acompanhou um dos debates mais acalorados já vistos na PUC: o tema era pena de morte. Esperava-se que num ambiente universitário essa questão fosse vista com uma exorcência da civilização. Doce engano. Pelo menos cerca de 200 pessoas (metade do público que assistia o debate) eram a favor do assassinato oficial.

Se a pena de morte é uma suprema expressão do obscurantismo, as rádios livres são o seu oposto. Elas denunciam a violência que representa o controle das ondas

por um pequeno grupo de concessionários de canais de rádio e televisão. O repórter Gerson Sintoni conta a história de um das pioneiras no Brasil, a rádio Xilik, que conta com a participação ativa de estudantes da PUC.

Nessa luta contra o obscurantismo inclui-se também o renascimento do TUCA. Coincidindo com as fatídicas datas da invasão da PUC pelas forças do coronel Erasmo Dias e do incêndio do próprio teatro, o SOS TUCA mostrou que, em breve, ele voltará a ser um dos mais importantes espaços culturais da cidade. É o que relata a repórter Cláudia Giudice Menezes.

E a campanha salarial promete esquentar. A equipe do Porã'duba estará acompanhando todo o movimento, que começa a ser contado nesta edição (numa matéria do repórter Rubem Roschel) e, com certeza, ganhará mais espaço na próxima.

Conselho Editorial  
Professores — jornalista Gabriel Priolli (reg. MTB 361 — Mat. Sind. 4967)  
Laurindo Lalo Leal Filho (reg. MTB 12.110 — Mat. Sind. 300)  
Valdir Mengardo (reg. MTB 12.347 — Mat. Sind. 6.707)  
Redação  
Editora: Lizete Teles de Menezes (reg. MTB — Mat. Sind. 5458)  
Editores Assistentes: Cláudia Giudice Menezes e Gerson Sintoni  
Repórteres: Enor Paiano e Rubem Roschel  
Fotografia: Samuel dos Santos Chaves  
Diagramação: Silas Botelho Neto  
Secretaria de Redação: Vera Lúcia Ramos da Silva  
Porã'duba circula quinzenalmente com distribuição gratuita e é editado sob a responsabilidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Rua Monte Alebre, 984 — São Paulo — CEP 05014 — Tel. (011) 263-0211 ramal 227. Porã'duba, em tupi: notícia.

## Cartas

### Esclarecimento

Entrevista rápida, cortes da redação, anotações limitadas do jornalista, resultado incorreto. Foi o que aconteceu com os trechos da matéria "PUC Quarentona" (Porã'duba n.º 117, 11/09/86). Assim sendo, peço aos redatores que façam uma correção e uma complementação nas minhas palavras citadas:

1. Na frase "A paridade, conquista fundamental, chegou até a atrapalhar. Pois, a Constituinte foi retardada por dois meses, até que todos os alunos voltassem de férias", é preciso corrigir o que realmente disse. Comentei que a Constituinte começou na última semana de julho, os alunos reivindicaram um prazo de 15 dias (para volta às aulas e uma semana para escolha de seus representantes), o que foi aceito pelos professores e funcionários já indicados e pelo CONSUN; no dia do novo início, os alunos reivindicaram a paridade ou não participariam (O CONSUN determinara o número de 26 professores, 15 alunos e 11 funcionários) e a conseguiram, utilizando o mecanismo do voto ponderado.

2. Na questão do nível de ensino na PUC-SP, sempre houve um corpo docente qualificado em certos cursos e nos vários campi, com competência reconhecida. Ressaltei que o nível do ensino mudou positivamente com a implantação da reforma universitária em 1972, com o desenvolvimento do CEPE, com as coordenações de cursos e com mudanças ocorridas em alguns currículos. A vinda de professores da USP e de outras áreas fortaleceu determinados programas do pós e determinados cursos de graduação.

Grato pela atenção e maior cuidado nas próximas vezes.

Cordialmente  
Luiz Eduardo W. Wanderley  
Reitor

Nota: A Redação agradece o conselho e promete melhorar. Temos certeza, porém, que o Reitor sabe muito bem a distância entre o que é dito e o que é publicável.

### PUC: Universidade ou Barbárie

Um título "pesado" para uma questão candente. Eis o que sinto, a cada vez que me detenho nestas poucas linhas.

Universidade brasileira, São Paulo, Setembro de 1986, PUC. Palco de resistência e luta, de crítica e formulação, reconhecido internacionalmente, hoje desagregado e relegado ao mais obscuro individualismo. Indistinguimo-nos face à multidão, uma massa amorfa, assenhorada a bel prazer por "mestres", "sistemas" e cânones totemizados. Vivemos quase o mesmo ritual de: correr pelos corredores escuros para dar ou assistir aulas miseráveis (expositivas); responder com evasivas ou de perpetrar o silêncio monolítico quando indagados; queixarmo-nos às paredes quando silenciados por algum professor ou superior... Correr como animais arrebanhados para coletivos quando findam as aulas ou o trabalho para depois de algumas "horas" sermos despejados em nossos "lares aconchegantes".

O que tem você a dizer sobre isso?

Em meio a esse "caldo sosobrante" (sic), ainda possuímos o "direito" de pensar, falar e agir. Não perdemos nossas cabeças, nossas bocas... O risco de matricularmo-nos num curso universitário por correspondência ou telegrama já não é tão remoto. Seria pretensão (sic) de minha parte esgotar assim tal tema... "Escruidão, aqui vou eu...".

Marco Aurélio Castro, Filosofia  
Noturno — aluno do VII período.

### "Tem que dar certo" para quem?

A chapa "Tem que dar certo" ganhou as eleições para o C.A. Leão XIII em fins de abril com

propostas que iam de nos proporcionar cursos no Exterior; debates e palestras sobre a conjuntura nacional até a de pensar na reestruturação da FEA e de dar apoio à "pequena e média" empresa. Depois de alguns meses de gestão, parece que as propostas caíram no vazio. Fizeram, é verdade, coisas que gestões passadas nunca foram capazes de fazer, ou seja, que o C.A. Leão desse lucros!!! Lucros provenientes em sua maior parte do fato de o C.A. ter se tornado um grande Departamento de Vendas com custos zero de manutenção. Compra-se assinaturas de "O Estado de São Paulo", videocassetes Sharp etc. (Onde está o apoio à pequena e média empresa?).

Agora sabemos para quem as coisas irão dar certo. Sabemos que o C.A. terá melhor atuação financeira, mas que deixará muito a desejar enquanto atuação política e acadêmica. Será que os alunos estão interessados em saber que o seu centro acadêmico é o mais rico do País e que, quando terminarem seus cursos, não terão direito à participação nos lucros? Será que sabem que quando a gestão dos "Otimistas" terminar eles levarão tudo que acumularem e deixarão um rastro de destruição para trás?...

Desde já conclamamos nossa digníssima Reitoria para que inter-

venha, coibindo esses abusos... Afinal, o patrimônio do C.A., pertence aos alunos e à Universidade e não a um pequeno feudo.

Oswaldo, Cláudio, Ricardo,  
Flávio e Cia.

### "Chuva" de gente

No dia 18 de setembro, ao chegar à Universidade, de manhã cedo, fui "gentilmente" recepcionada com bolinhas de papel no rosto e um copo com café que quase cai em minha cabeça. Subi ao 3.º andar, observei por cerca de 10 minutos e vi um aluno jogando um copo de refrigerante em duas moças. Falei com ele, que se justificou afirmando que teria "medido a distância" das moças e que não as atingiria.

Sou enfermeira e poderia, em virtude de uma brincadeira de mau gosto desse tipo, ter que voltar para casa para trocar meu uniforme. Quem sabe em minha ausência o próprio aluno que comete essas "gentilezas" não poderia vir a necessitar de meus cuidados?

O que esses alunos estão fazendo é uma irresponsabilidade. Para terminar, uma sugestão: proponho que, ao invés de copos com café, refrigerante; bolinhas de papel e outras "cositas mas" o pessoal atire lá embaixo o grupinho que anda

fazendo essas brincadeiras sem graça. Será realmente um verdadeiro espetáculo.

Odete Barbosa Mendes —  
funcionária do Ambulatório  
Médico

### Pedagogia, Edc protesta

Somos alunas do Curso de Pedagogia com habilitação em Edac (Educação para Deficientes da Audio-Comunicação). Sentimos que nosso curso não tem merecido a devida atenção, isto ficou evidente durante o 1.º Encontro de Área de Distúrbios da Comunicação da PUC-SP, nos dias 18, 19 e 20 de agosto de 1986.

Acreditamos que fomos desprezadas enquanto alunas do curso de Pedagogia — Edac, pois nos esforçamos para levar críticas e sugestões e não fomos ouvidas. Neste encontro se falou até que o curso é um "filho abortado" da PUC... Abortado ou não, o curso EXISTE e estamos lutando pela legalização desse aborto.

Alunas do 8.º Período C.

A correspondência para o Porã'duba deve ser entregue na redação (subsolo do prédio novo) ou enviada para a Rua Monte Alegre, 984, Cep 05014 — São Paulo, SP. Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

## Poucas



## Boas

### Seac já está funcionando

Com o objetivo de atender as necessidades da comunidade universitária da PUC — professores, funcionários e alunos —, a Vice-Reitoria Comunitária acaba de criar o Serviço de Atendimento Comunitário (Seac). A meta é fazer um acompanhamento mais apurado do funcionamento dos serviços, observar se estão sendo bem utilizados no sentido de adequá-los para aperfeiçoar seu desempenho.

Para tanto, está em andamento a primeira pesquisa dos serviços já existentes na PUC-SP, e a Vice-Reitoria Comunitária solicita a todos os setores que enviem regimentos, prospectos, folhetos etc. expli-

citando suas propostas e objetivos. Essa documentação deve ser enviada à sala T-35, Prédio Sede, via Protocolo Central. O cadastramento dos serviços é de importância fundamental para melhorar o atendimento da comunidade. Colabore.

Em tempo: os horários de trabalho do Seac são os seguintes: segunda-feira (das 13 às 15 horas); terça-feira (das 15 às 18 horas); quarta-feira (das 11 às 16 horas) e quinta-feira (das 14 às 17 horas), na sala T-35.

### Banespa muda horário

A Reitoria concluiu entendimentos com o Banco do Estado de

São Paulo (Banespa) no sentido de acertar novo horário de funcionamento da agência no campo Monte Alegre.

A partir de 1.º de outubro, Posto Banespa funcionará das 20 horas, sendo que nos dias maior movimento (período de arrecadação de carnês de alunos e tenderá o expediente de atendimento).

### Discuta com o o Camafi

O Centro Acadêmico de Matemática e Física (Camafi) realiza a 11.ª Semana de Estudos, de 2.º setembro a 3 de outubro. Quem quiser opinar, sugerir temas e participar efetivamente da 11.ª Semana é só procurar o Camafi. O Camafi avisa que está aberto a todos e, enquanto, tem algumas reuniões também abertas à discussão concreta, porém, só uma idéia, que não é 51: dia 3 de outubro, às 21 horas, tem festa para o mundo. Divirta-se.



# Professores e funcionários em greve por melhores salários

Mais uma vez professores e funcionários unem-se para outro movimento conjunto de campanha salarial. As exigências feitas, segundo os professores, correspondem à realidade, afinal, a pesquisa publicada pelo jornal "Folha de São Paulo" revelou que a PUC paga um dos menores salários para professores. As queixas são múltiplas, entre elas a de que há descaso por parte da Reitoria no que diz respeito ao cumprimento integral das resoluções do dissídio coletivo de março deste ano.

Quando aos funcionários, eles não são mal-remunerados apenas na PUC. Toda a categoria, em todas as universidades, faculdades e escolas, sofre com os salários miseráveis que ganham. A Associação dos Funcionários da PUC, (Afa-puc), mobilizou cerca de 30 funcionários que, no dia 11 de setembro, foram até o Sindicato dos Auxiliares de Administração Escolar de São Paulo, (Saaesp), para tentar falar com o presidente da entidade, Miguel Abrão Neto, visando mobilizar a categoria para uma ação conjunta de reivindicação salarial. Conseguiram falar apenas com um funcionário do Saaesp, pois o presidente estava viajando. Nada ficou decidido. Foi marcada uma nova reunião com Abrão Neto para o dia 16 de setembro. Nessa data, a Afa-puc reuniu cerca de 40 funcionários que foram em comitiva ao Sindicato. Toda a diretoria da entidade estava presente para recebê-los, inclusive o próprio presidente. Depois de quase duas horas de conversação, onde notou-se que a diretoria do Sindicato procurava se esquivar ao máximo da proposta feita pela Afa-

puc, de chamar uma assembleia da categoria, a reunião resultou em nada. Após ouvirem a negativa dos representantes do Sindicato, e a promessa de apoio a qualquer movimento interno exclusivo da PUC, os funcionários retiraram-se indignados.

A Afa-puc deixou claro que irá fazer oposição à atual diretoria do Sindicato, já que esta, "de forma nenhuma está representando a categoria", diz José Rocha Cunha, presidente da entidade, e acrescenta: "Tentaremos entrar em contato direto com as outras escolas para ver a possibilidade de um movimento unificado".

Sendo o índice de reajuste pedido pelos professores e pelos funcionários o mesmo, 35,7%, que considera as perdas salariais de março a setembro, a Afa-puc entrou em contato com a Apropuc para fazer uma campanha conjunta. A Associação dos Professores da PUC (Apropuc), por sua vez, briga também pelo pagamento de 1/6 sobre cinco semanas, que foi conquistado no dissídio de março. E pelas bolsas para professores e dependentes, com a devolução imediata do que já foi pago. A Reitoria, no entanto, propõe a devolução até o final do ano.

No dia 19 de setembro a Apropuc realizou uma assembleia, com a participação de 84 professores de diversos setores, que encaminhou um documento à Reitoria contendo todas as suas reivindicações, e dando prazo de uma semana para que a PUC se manifestasse. Na assembleia realizada pelos funcionários, no dia 20, ficou estabelecido que também assinariam o tal documento, marcando outro encontro para uma se-

mana depois.

No dia 24, houve uma reunião convocada pela Reitoria, com os representantes da Apropuc e da Afa-puc. A suspeita, levantada pelo professor e delegado do MEC Nelson Boni, de que a PUC disporia de uma verba de mais de Cz\$ 20 milhões, foi desmentida pelo vice-reitor administrativo Alípio Casali, segundo o qual a verba é de apenas Cz\$ 4 milhões. Ainda nesta reunião foi comunicado a Apropuc que estava sendo realizada uma consulta a três juristas da área trabalhista, isto porque, de acordo com Alípio "pode-se ter várias interpretações do texto da 3ª cláusula do dissídio que trata do 1/6 sobre as cinco semanas". Também foi tratada a questão das bolsas para dependentes de professores e funcionários, que estão atualmente matriculados, e para os professores estudantes da Pós-Graduação, a suspensão imediata do pagamento, com a devolução do que já foi pago no 1º semestre. A maneira como será feita esta devolução deveria ser combinada posteriormente, conforme Alípio, que foi enfático quando referiu-se à questão do reajuste salarial: "Numa situação de crise, tem prioridade o pagamento do dissídio".

Realmente, a situação de crise na PUC já vem se arrastando por longas datas. As soluções não são fáceis e parece que estão longe de serem alcançadas. Um agravante a mais: os funcionários de Sorocaba não ficaram nem um pouco satisfeitos com o acordo feito na questão da insalubridade, acordo este que sequer foi homologado pelo juiz, por não ser aceito pelos funcionários.

Cerca de 180 funcionários, em assembleia realizada na tarde da sexta-feira, dia 26, deflagraram greve por tempo indeterminado acompanhando a mesma decisão dos professores que já se encontravam paralisados desde a zero hora do dia.

A greve foi a forma encontrada pelas duas categorias de pressionar a Reitoria a abrir negociações. O movimento é unificado em torno da reivindicação de 35,7% de aumento salarial. O documento da Reitoria, que afirma que o déficit de mais de Cz\$ 40 milhões "coloca limites intransponíveis à concessão de novos aumentos", lido nas assembleias, foi rejeitado por unanimidade. Segundo Rocha, presidente da Afa-puc, "a Reitoria acha que pode salvar a PUC arrojando os salários".

No caso dos professores, além do aumento salarial eles exigem o cumprimento do dissídio no que se refere ao pagamento do descanso semanal. Até o fechamento desta edição a paralisação dos professores era de 100% nos campi Monte Alegre e Marquês de Paranaguá.



Funcionários indignados deixam Sindicato

Rubem Roschel

## Resposta da Reitoria não convence. Professores param

O resultado do impasse nas negociações salariais entre a Reitoria e as entidades representantes dos professores (Apropuc) e funcionários (Afa-puc) foi a greve.

A Reitoria propôs aos professores o pagamento, a partir da folha de outubro, a título de descanso semanal remunerado, um acréscimo de 1/6 semanal do valor total do contrato de cada professor, que se aplicaria ao pagamento mensal correspondente a 4,5 semanas. Tal fórmula resultaria no pagamento de 5,25 semanas por mês, o que significaria um reajuste real de 5% aos salários atuais, conforme documento expedido pela Reitoria. O documento alerta ainda a indisponibilidade financeira da PUC para qualquer tipo de reajuste salarial, seja para professor ou funcionário.

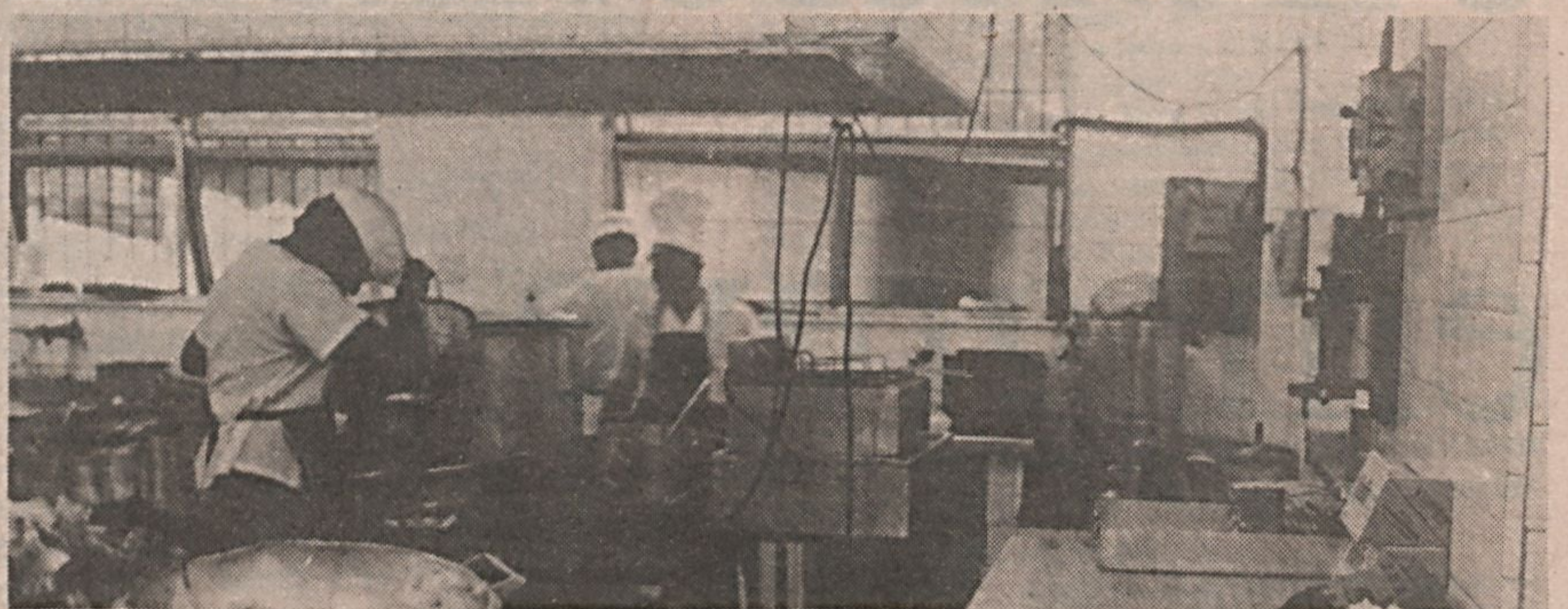
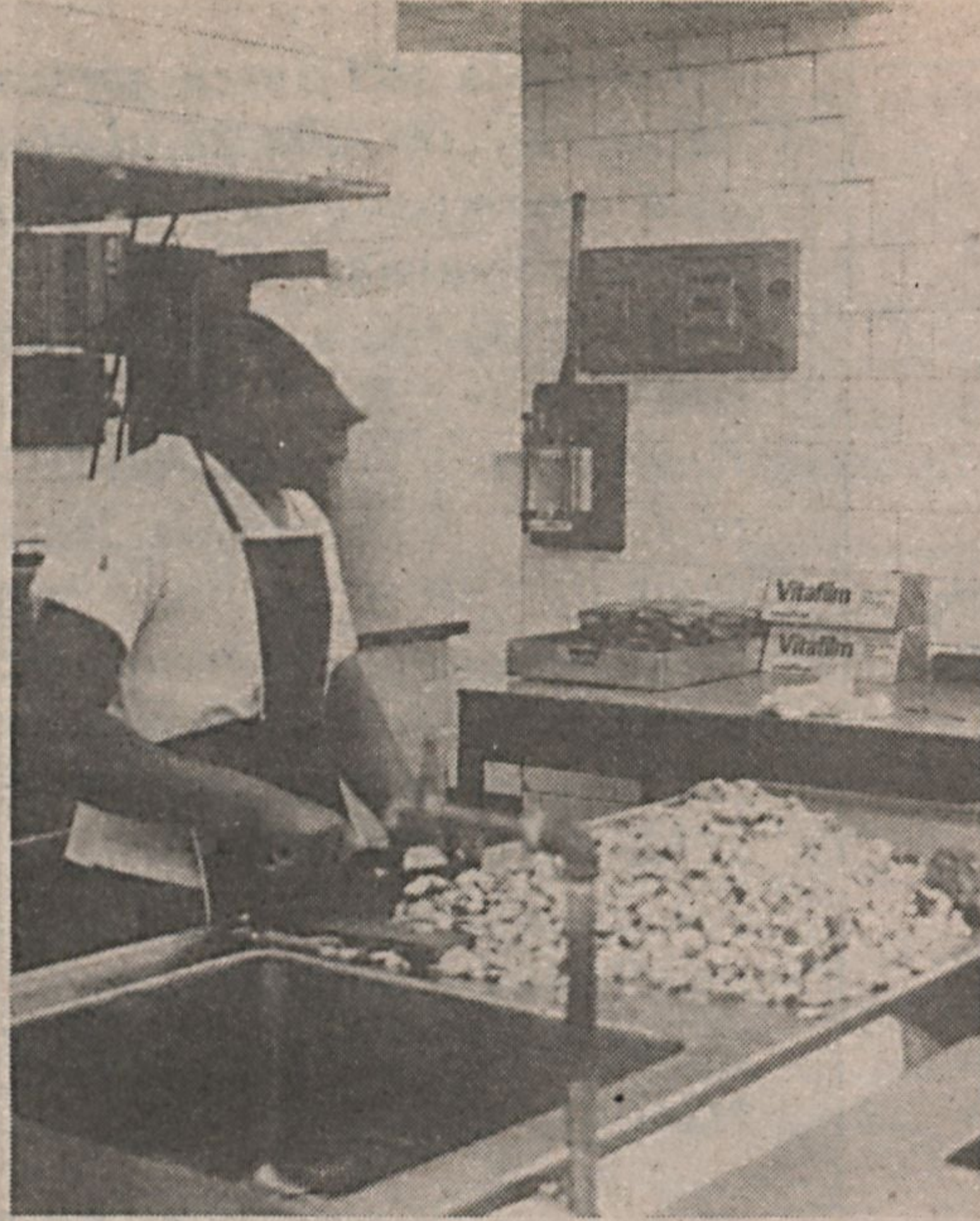
Em assembleia realizada dia 25 de setembro, logo após

obterem essa resposta da Reitoria, cerca de 180 professores presentes decidiram por unanimidade decretar a greve por tempo indeterminado. Os docentes esperam, agora, uma resposta da Reitoria sobre o cumprimento do dissídio de março e querem negociar um reajuste salarial que, segundo a Apropuc, não deve ser menor do que 35,7%.

Foi marcada uma nova assembleia para hoje, dia 29, às 20 horas, onde o comando de greve fará uma avaliação do movimento e decidirá sobre sua possível continuação. As reivindicações dos professores já foram encaminhadas à Reitoria e toda a imprensa já foi avisada.

Preocupante fica a situação dos alunos que, mais uma vez, ficarão sem aulas e, no entanto, continuarão a pagar suas mensalidades sem nenhum desconto.





Nas fotos, o dia-a-dia na cozinha do restaurante.

# O boi sumiu do pedaço mas tem salsicha no bandejão

Com a falta de carne no mercado, a refeição da PUC está limitada aos alunos professores e funcionários.

Apesar de o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, ordenar e em seguida recuar, a aplicação da Lei Delegada nº 4, que permite o confisco de estoques de quaisquer produtos necessários à sociedade — no caso, de bois, cuja carne sumiu dos açougues e supermercados —, a rotina do restaurante universitário da PUC continua a mesma: Roberto de Araújo, concessionário do restaurante, faz mais de 76 ligações por dia (média mensal de 1900) para tentar equilibrar o fornecimento de carne e derivados que entram na composição dos cerca de mil bandejões de refeições servidas diariamente.

Nos quase seis anos que Roberto Araújo, ex-aluno de Administração de Empresas da PUC, detém a concessão, isso nunca aconteceu. Com todos os preços congelados desde o "pacotão" de 28 de fevereiro, ele reluta em comprar os produtos com ágio, não por patriotismo mas porque sabe que se ceder pode ir à bancarrota, com uma média de 40% de prejuízo.

Segundo seus cálculos, a refeição já dá, inclusive, um prejuízo normal de Cz\$ 6,20 por unidade, que ele tenta recuperar vendendo uma série de produtos de fabricação própria nas duas lanchonetes espalhadas no campus da Monte Alegre. "Mas todo negócio tem sua parte boa e seu lado ruim, não dá para ganhar em tudo", pondera Roberto.

## Plano Cruzado

Todas estas dificuldades começaram a partir do Plano Cruzado, que Roberto, como pequeno empresário, considera válido. Ele acha, porém, que o rumo da embarcação deve ser corrigido. "A falta de carne no mercado acontece porque tem boi escondido no pasto e com a conivência do Governo", reclama. "Este plano só vai dar certo se retificarem o rumo, agindo nas duas pontas, junto aos produtores e aos varejistas. O congelamento é ruim, mas até dá para conviver com ele, já que houve um aumento no consumo de quase 20%", concluiu.

Enquanto estas críticas são formuladas, 53 funcionários trabalham para alimentar a comunidade puquiana. A cozinha começa a funcionar todos os dias às 7 horas e só encerra seu expediente às 22h30. À essa hora, entra em ação a equipe que limpa tudo para o dia seguinte.

A Lanchonete e Restaurante Krokodilus vende refeições, sanduíches, salgados, sucos, vitaminas, biscoitos, doces, refrigerantes, café etc. A maior parte destes produtos são feitos dentro da própria PUC: no interior do restaurante funcionam uma pequena padaria e uma confeitaria, que preparam os bolos, pães, salgados e doces vendidos no balcão.

Porém, a maior concentração de mão-de-obra e de trabalho está na cozinha, que opera

com 13 funcionários responsáveis pelo bandejão. Eram 8 horas da manhã de sexta-feira, dia 19 passado, quando o 2º cozinheiro Renir já havia cortado e picado três caixas de abobrinha, aproximadamente 66 quilos. O consumo médio diário de refeições exige 60 kg de carne, 12 kg de feijão, 35 a 40 kg de arroz. Na opinião de "seu" Pacheco, mestre-cuca da PUC e cozinheiro há 30 anos, cozinhar para 1.000 pessoas não é uma tarefa difícil mas apesar de tanta experiência, Pacheco confessa que prefere a comida de sua mulher.

## Falta tudo

À frente deste exército está Maria Tereza Camargo, nutricionista formada pela Faculdade São Camilo, responsável pelo controle de alimentos e elaboração de cardápio, controle de custos e pedidos de gêneros. No momento, seu trabalho está mais sobrecarregado pela falta de alimentos, pois não é mais possível pré-estabelecer um cardápio mensal e semanal.

Para Tereza, que luta diariamente contra a falta de alimentos, a situação está preta. "Até julho conseguimos comprar peixe, frango, chester e estocar no freezer. Mas nem o espaço nem o tempo foram suficientes. E quando a fritada e a panqueca surgiram como opção, acabou o ovo. Agora, os fornecedores só têm linguça, paio, banha, salsicha e peixe".

A fim de comprovar o racio-

namento, ligamos para quatro grandes fornecedores de carne e derivados. O repórter do Porã identificou-se como um funcionário da lanchonete Krokodilus. Respostas: os três primeiros não tinham nada a fornecer e estavam sem previsão de entrega. Somente um fornecedor afirmou ter banha, óleo e mortadela, porém a quantidade estava limitada a 10 kg. Frente a essa situação, Tereza, que já foi obrigada a servir numa mesma refeição uma variedade de pratos diferentes, conta com a colaboração do pessoal e espera que todos fiquem contentes com a salsicha.

Apesar das dificuldades, Tereza ainda convive com as reclamações crescentes dos alunos devido à repetição dos pratos e ao racionamento. Na sua opinião, "o nutricionista tem que se posicionar diante dessas reclamações, temos de encarar e reconhecer os erros que possam existir. Esta é uma comida de primeira qualidade mas as falhas podem acontecer. Por isso faço questão de provar a comida todos os dias", acrescenta.

Diante desta situação de racionamento e falta de alimentos, a direção da Krokodilus resolveu fazer valer a regra de só vender refeições para os alunos, funcionários e professores da PUC, acabando com os comensais do bairro, atraídos pelos baixos preços. Portanto, enquanto a vaca não voltar do brejo, o ticket-refeição só será vendido mediante uma identificação, que pode ser carteira

de estudante, carnê, matrícula ou um "ar muito acadêmico" que dispense as formalidades.

## Preço baixo, o atrativo

No último dia 19, a equipe do Porã duba realizou uma pesquisa entre os habituais consumidores do bandejão no período noturno. Foram entrevistados 134 comensais no período das 18h30 às 19h30, não havendo distinção entre alunos, funcionários ou professores. Foi pedido que cada um atribuisse uma nota de 1 a 10 para o bandejão antes e depois do racionamento. Além disso, foi perguntado por que escolhiam o bandejão.

Feitos os cálculos, a refeição antes do racionamento mereceu uma nota média ponderada de 6,2, enquanto a atual obteve nota média de 4,3. Apesar da diferença, 19,4% dos consumidores entrevistados atribuíram nota 5 para o bandejão, mesmo com racionamento, e 31,4% conferiram nota 7 para a comida antes da crise, considerando-a de boa qualidade.

Porém, o ponto de maior unanimidade entre os entrevistados é o preço: 46,3% admitiram que consomem o bandejão porque ele é barato; 15,6%, porque preferem comida a lanche e 14,9% porque o consideram uma alternativa prática. Portanto, mais uma vez o bolso fala mais alto, afinal, em tempos de crise a solução é adaptar-se. Pagando o menos possível para manter o estômago em silêncio e a cabeça funcionando durante as aulas.



A implantação da pena de morte no Brasil, medida defendida por alguns juristas, radialistas "mundo cão" e até por pessoas apavoradas com a síndrome da violência que é alimentada diariamente por setores conservadores, inclusive da imprensa, foi tema de um debate promovido pelos alunos do 1º ano de Direito da PUC, que foi um verdadeiro sucesso. O Porá'duba acompanhou o evento e constatou, com certa surpresa, que também na PUC não há unanimidade com relação à adoção da pena capital no País.

Pesquisa realizada, em julho deste ano, pela empresa Interscience revelou que 34% das pessoas entrevistadas manifestaram-se a favor da pena de morte. A amostra contemplava todas as classes sociais e o alto índice de aprovação à introdução da pena capital no País comprova que o desejo de segurança chega à paranóia, é bem maior do que se pode imaginar.

A discussão do tema chegou à PUC, no último dia 17. Debate promovido pelos estudantes de Direito, do qual participaram o desembargador Ítalo Galli, o advogado criminalista e professor das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), Mário Octávio Nacif; o promotor Paulo Edson Marques (todos a favor da pena); o jurista Hélio Bicudo; o desembargador Dirceu Mello, o advogado José Yunes e o advogado e deputado Flávio Bierrenbach (estes contra a pena), teve lances emocionantes.

O público que lotou a sala 239 do Prédio Novo, pendurou-se em escadas, janelas etc., e deu a dimensão da importância do problema. O calor da discussão só não conseguiu superar a alta temperatura que fazia no recinto o que obrigou os espectadores a improvisar lenços e leques.

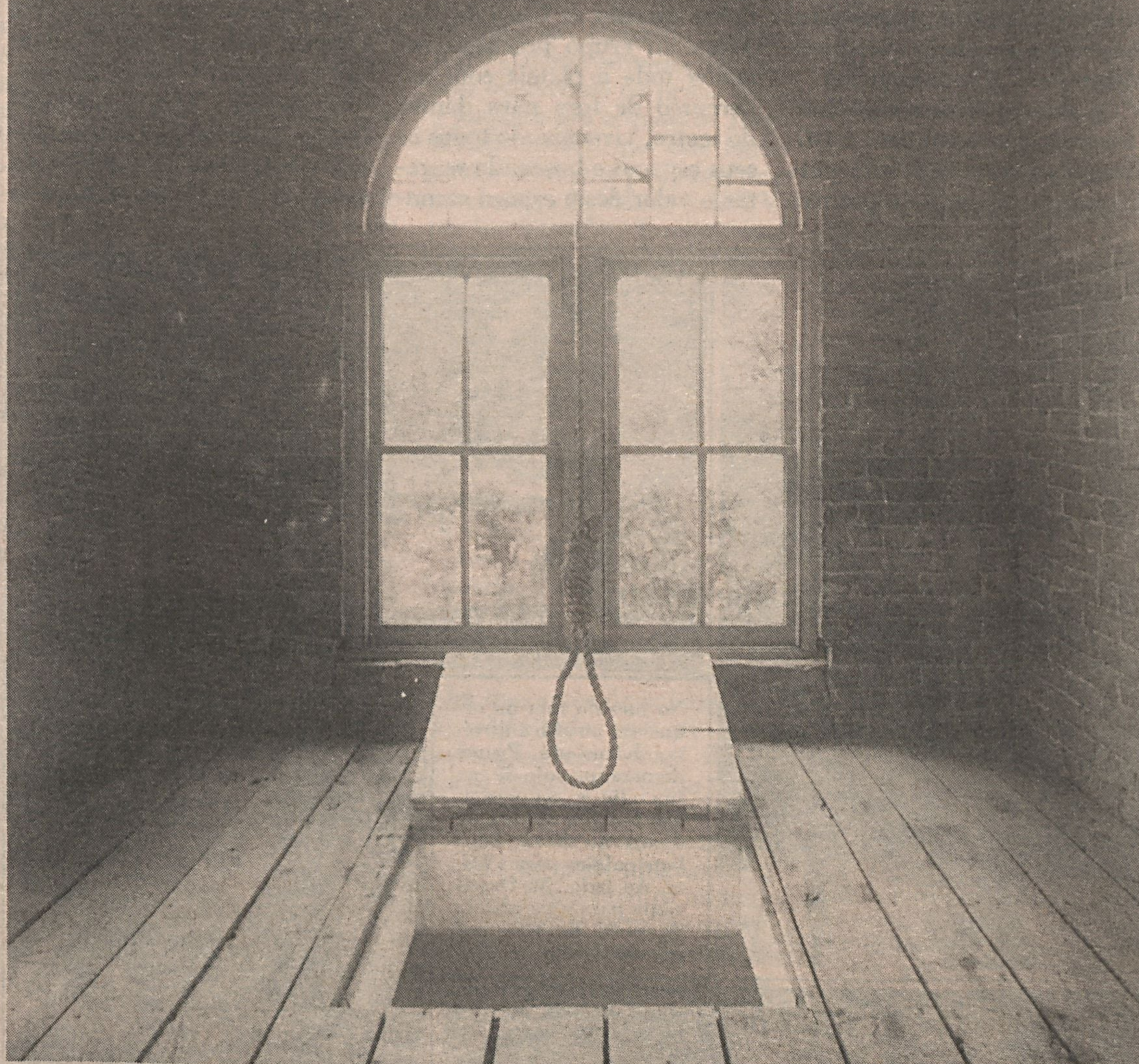
#### Pena intimidada

Acenando com o efeito intimidativo da pena de morte, Mauro Nacif defendeu a aplicação com o argumento de que "é necessário colocar o dedo na ferida" no que foi prontamente contestado pelo jurista Hélio Bicudo segundo o qual "se a pena de morte intimidasse, hoje não haveria crime em São Paulo, já que ela existe na prática." E pelas estatísticas, haveria cada vez menor criminalidade: em 1983, a polícia matou 304 pessoas, em 84, 409 e em 85, 529.

#### Erro jurídico

Um argumento frequente-

# Pena de morte na PUC



mente levantado contra a pena capital é a possibilidade do erro jurídico. José Yunes afirmou que "é muita temeridade, num país onde a corrupção grassa, acreditar no não-erro". Dirceu de Mello fez coro, frisando que "não bastaria termos 1000 decisões acertadas,

pois no caso da pena máxima, um único erro é fatal". Contra esse argumento, Paulo E. Marques defendeu que primeiro se institua a pena para depois se tentar evitar o erro. Ítalo Galli, depois de citar inúmeras passagens bíblicas, afirmou, categórico: "Se o homem

errar, Deus conserta", ou seja, no caso de uma falha jurídica, o prejudicado seria recompensado no "Outro Mundo". Foi vaiado.

#### A questão social

Para Dirceu de Mello, o criminoso é produto do meio, e

## No Brasil, a implantação é difícil

Do ponto de vista prático, a volta da pena de morte à legalidade no Brasil traria de cara um problema de método. Guilhotina, forca, câmara de gás, cadeira elétrica, o que usar?

As várias maneiras de matar têm vantagens e contra-indicações. No momento, a cadeira elétrica estaria fora de cogitação. As descargas elétricas necessárias poderiam ser fatais para o sistema de energia, já em crise.

No momento em que se fala em democracia, a guilhotina é uma opção que vem logo à cabeça. Ela veio à luz junto com a Revolução Francesa, criada pelo deputado Guillotin, que pedia para o povo um privilégio até então reservado aos nobres: ter a execução mais rápida e indolor possível. O grave problema da guilhotina seria a falta de mão-de-obra especializada. Marcel Chevalier, o último carrasco francês, foi aposentado em 81, com 61 anos por ocasião da aboli-

ção da pena capital naquele país. Sua vinda para o Brasil seria improvável, já que ele não tinha nenhuma afeição especial pelo serviço, limitando-se a "seguir uma tradição de família".

A câmara de gás também tem sua história. Introduzida no Estado da Califórnia, nos Estados Unidos, representava um avanço em relação à forca, considerada inumana. Foi testada com porquinhos, que morreram sem um grunhido. O método começou a ser amplamente utilizado, mas depois dos assassinatos de judeus em câmaras similares, durante a guerra, começou a surgir um certo mal-estar quanto ao método. Ele foi abolido definitivamente na própria Califórnia, em 72, graças ao choque provocado pela morte de Caryl Chessman, o "bandido da luz vermelha". Chessman atraiu a atenção do mundo todo para seu caso, nos vários anos em que esteve lutando contra a sentença. Os jornalistas que assistiram à execução, vi-

ram Chessman ser arrastado para a câmara, ter seus braços e pernas amarrados e respirar profundamente o gás letal. Ele estremeceu, teve um acesso de tosse, seu rosto foi inundado de suor, e abundante salivação lhe escorria da boca. Soltou um grito desesperado, e, 9 minutos depois de iniciada a execução, estava imóvel.

Por tradição, o método escolhido no Brasil seria, sem dúvida, a forca. Ela era símbolo indispensável em qualquer cidade, nos tempos de Colônia. Com a Independência foram abolidas as "penas mais cruéis", como torturas, marcação com ferro em brasa, etc., mas a pena continuou a ser aplicada até 1855, quando um grave erro judiciário vitimou o fazendeiro Mota Coqueira. Em 1890 a pena capital foi abolida, retornando apenas nas Constituições do Estado Novo e do AI-5, para atos contra a segurança nacional.

nesse sentido a sociedade tem responsabilidade na sua recuperação. Yunes realçou a relação da criminalidade com a miséria, reiterando que quando existir maior justiça social diminuirá o crime. Paulo E. Marques discordou, pois, para ele, não há ordem social sem comando, e nem comando sem sanção. Sob esse prisma, a morte seria uma sanção válida.

#### O viés político

Hélio Bicudo foi um dos primeiros a enfatizar o caráter político da questão. A função da pena de morte seria intimidar as pessoas de baixa renda, razão pela qual nos países democráticos ela é exceção. Tendo em vista a Constituinte que vem aí, mas um argumento poderia ser levantado: neste século, no Brasil, as Constituições que permitiam a pena maior foram apenas as duas ditatoriais — a do Estado Novo e a do AI-5. Flávio Bierrenbach, atribui à Constituição o dever de limitar o poder político, e considera essa característica incompatível com a legalização da pena capital.

#### Ânimos acirrados

Mas não é só da discussão desinteressada de idéias que vivem os debates. Logo na sua colocação inicial, Bierrenbach criou confusão, afirmando que "a pena de morte é burra, e quem a defende é burro". Os defensores não gostaram e Ítalo Galli levantou-se, dizendo: "eu defendo a pena, e não sou burro, então vou embora". Chegou o pessoal do deixa-disso, e com o público pedindo "fica, fica", ele desistiu, mas os defensores declararam em coro: "se formos insultados novamente, nos retiraremos em bloco".

#### Avaliação

O público, apesar de ter se acotovelado e suado durante quase 4 horas, parecia contente ao final do debate. Na mesa, as opiniões divergiam, Mauro Nacif achou o debate fraco, Bierrenbach elogiou a iniciativa mas não gostou do nível da discussão, enquanto que Dirceu de Melo aprovou as colocações.

Apesar das divergências em relação à eficiência do debate, ele cumpriu seu papel, já que o interesse que despertou foi muito grande. E serviu para saber a quantas anda a opinião da comunidade puquiense sobre a pena de morte: pelo menos metade do público era a favor.



# Em cena o espaço mais simpático da cidade

Dois anos após um sinistro incêndio, o TUCA renasce das cinzas, com uma apoteose gloriosa de dois dias, emocionando toda a comunidade e provando de fato que o novo TUCA está vivo.

Para marcar a data do incêndio e fazer uma entrega simbólica do teatro que ainda não está pronto, mas já tem toda a sua cobertura refeita e a boca do palco ampliada, a Comissão de Reconstrução do TUCA organizou dois shows nos dias 21 e 22 de setembro (data do incêndio em 1984 e "coincidentalmente" data da invasão da PUC em 1977).

Esta entrega simbólica do teatro foi a forma encontrada pela Comissão de Reconstrução para prestar contas à comunidade, de São Paulo e da PUC, de todo o trabalho realizado. Afinal, a reconstrução do TUCA só foi possível graças à doação em moeda, serviços, projetos, materiais e equipamentos que foram feitas por firmas, pela população e pelo governo. Além disso, segundo Vera Bastazin, professora da PUC e membro da Comissão, "foi importante mostrar que a reconstrução do TUCA, não foi apenas a reconstrução de mais um espaço na cidade, mas a reconstrução de um 'espaço cultural'".

E para inaugurar este espaço cultural, a Comissão de Reconstrução trouxe, no dia 21, nada menos que a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, sob a regência do maestro Diogo Pacheco Jordão, que se apresentou para duzentas pessoas, contando, inclusive, com a presença do cardeal dom Paulo Evaristo Arns, grão-chanceler da PUC. E sob aplausos, o maestro emocionado encerrou o concerto com a "Alvorada", de Carlos Gomes, numa homenagem ao TUCA que renasce.

## Uma grande festa

No dia 22, segunda-feira, os prédios da PUC estavam vazios. Mais de 3.000 pessoas, entre alunos, funcionários, professores e cidadãos, assistiram à apresentação da Oficina de Dança do TUCA e de cinco grupos de música.

A Oficina de Dança, a primeira a se apresentar, é mais um fruto do TUCA Vivo, fazendo parte de um projeto que envolve toda a comunidade na produção artística. O grupo da Oficina foi formado em julho

deste ano graças a uma verba recebida da Secretaria Estadual de Cultura e, desde esta, época tem ensaiado exaustivamente para a apresentação.

Os alunos, professores e funcionários que compõem a Oficina mostraram com esta performance o resultado positivo

de um trabalho iniciante realizado com muita disposição. Sob a direção de Cacá da Boa Morte, o grupo procurou envolver toda a platéia com um percurso de fora para dentro do teatro, vivenciando todos os seus espaços e buscando resgatar o valor deste espaço recon-

quistado.

Além da Oficina de Dança, apresentaram-se os grupos: Ná Ozzetti, Swing, Gang 90, Musak e Premeditando o Breque, balançando o TUCA até às 24 horas. Inclusive, estes três últimos são velhos conhecidos da casa. O Premê apresentou-se

pouco antes do teatro pegar fogo numa performance conjunta com a Orquestra Sinfônica de Campinas, sob a regência de Jamil Maluf, em 84. A Gang 90 e o Musak tocaram na "Rua do TUCA", no ano passado, para arrecadar verbas para a reconstrução do teatro.

E segundo informações da Comissão, todos estes eventos foram promovidos graças à boa vontade dos artistas e das autoridades em ajudar na reconstrução do TUCA.

A Paulistur emprestou a luz e o som, a Secretaria da Cultura cedeu a orquestra e todos os músicos tocaram sem receber cachê, já que não existem verbas e todo o dinheiro arrecadado é destinado às obras. A Caixa Econômica do Estado de São Paulo e a Gang Percussion também colaboraram. Diante de tanta boa vontade, Wandí, do conjunto Premê, brinca: "O excesso de grana do Premê permite esta benemerência, afinal o TUCA é o espaço mais simpático de São Paulo".

Assim, com muito brilho, o "espaço mais simpático de São Paulo" viveu sua avant-premier, já se preparando para o próximo ano, quando será efetivamente entregue à Comunidade com uma grande inauguração.



No mesmo tom da orquestra no alto à direita, Klaus do Premê dispa para um solo de sax (no alto à esquerda). Em baixo a oficina de dança do Novo Tuca bate palmas para a festa. Ao lado, Ná Ozzetti canta para uma platéia de mais de três mil pessoas.



Fotos: Claudia G. Menezes e Samuel S. Chaves

## Ator principal, a comunidade

Os eventos do dia 21 e 22 foram uma pequena amostra do Projeto TUCA Vivo, que promete outras programações para o segundo semestre de 86. A idéia básica da Comissão de Reconstrução é acelerar as obras para que no próximo ano, pelo menos, o teatro esteja pronto. Por isso, o teatro não será utilizado para outros eventos. Vera Bastazin, da Comissão de Reconstrução, explica que "usar o TUCA significa parar as obras. As obras têm um ritmo certo e só a retirada dos entulhos implica numa perda de vários dias. Além disso, cada passo depende de um levantamento de dados e concorrências. O fato de o teatro estar sendo reconstruído, exclusivamente, com a ajuda da comunidade faz com que não seja possível parar as obras".

No projeto estão previstas as seguintes modificações: o TUCA será um teatro de 800 lugares e, o Tuquinha funcionará como um

misto de galeria de arte e museu. O Salão Beta está sendo transformado em teatro de arena e auditório e a parte superior do Teatro será dividida em duas salas de vídeo e palestras para 140 pessoas. Neste sentido, o próximo passo será levantar a parede do antigo balcão, já que a PUC precisa de mais espaços alternativos, ou seja, espaços especiais para funções e públicos diferentes, trabalhando concomitantemente todos estes espaços.

No sentido de produzir um envolvimento da comunidade com o TUCA, também foi criada a oficina de teatro, que já conta com 60 pessoas da PUC e cinco profissionais que estão trabalhando na recriação de "Os Lusíadas" que será apresentado na inauguração oficial, prevista para o próximo ano.

Na busca de novos espaços, a Comissão de Reconstrução redescobriu a Capela, onde serão

apresentados 4 programas de música clássica, (o mês ainda não foi definido), aproveitando assim a excelente acústica da igreja e criando mais um evento cultural para a comunidade.

E também dando sequência ao projeto e à comemoração dos 40 anos da PUC a Comissão está articulando uma série de mesas-redondas que debaterão a democracia, os direitos humanos e o movimento estudantil, entre outros temas. Porém, a Comissão aguarda ainda o resto da verba a ser liberada pela Secretaria da Cultura para confirmar este evento.

Após estes dois anos de trabalho, a Comissão de Reconstrução do TUCA com a ajuda da comunidade está conseguindo cumprir sua meta, não deixando esmaecer a idéia do TUCA, mantendo sua imagem sempre em pauta, oferecendo e prevendo mais opções de lazer.

## Defesas de tese

29/09 — 13 horas — sala 134 — Da Família de origem à formação da família atual (estudo exploratório sobre suas influências na escolha do parceiro e formação do vínculo conjugal) — Sílvia S. G. de S. Soares — Psicologia Clínica — Mestrado.

01/10 — 9 horas — sala 333 — O Ensino de Português no 1º grau — a intenção que sustenta o discurso docente e a realidade vivida pelo aluno — José Luiz Beltran — Psicologia da Educação — Doutorado.

01/10 — 14h30, sala 239 — A Mulher no Candomblé e na Umbanda — Terezinha Bernardino Schettini — Ciências Sociais — Mestrado.

02/10 — 9 horas — sala 423 — A política de construção da identidade do adolescente brasileiro dos anos 70 — Charmentia Maria Braga Carayxo — Psicologia da Educação — Mestrado.



# Público em exposição

*Em menos de sete meses, mais de 130 mil pessoas transformaram os museus paulistas.*

A obra de arte foi sempre suscetível de reprodução, mas viver a época das técnicas de reprodução significa conceber a obra de arte sem sua aura. A noção de autenticidade não importa, a multiplicidade de cópias transformam o evento produzido em um único instante em um fenômeno de massas. É impertinente defender a unicidade da obra, quando esta é encontrável nas esquinas, através de baratas reproduções.

O valor da obra como objeto de culto e o seu valor como realidade exibível foi abalado. Em contrapartida, a obra se liberta do seu uso ritual e as ocasiões de ser exposta tornam-se mais numerosas. Agora a massa é matriz que emana todo um conjunto de novas atitudes com relação à arte. "A quantidade tornou-se qualidade", dizia Walter Benjamin.

De 18 de março a 4 de maio, mais de 100 mil pessoas percorreram a exposição de Picasso no Museu de Arte de São Paulo (Masp). Desde o dia 5 de setembro mais de 30 mil pessoas foram ao Museu de Arte Moderna — (MAM) conhecer as obras de Dali. E quase como um movimento político pela arte, já chegou em São Paulo vinda do Museu de Arte Moderna (Moma) de Nova York a exposição "Contrastes de Forma: Arte Moderna no Séc. XX" convidando mais espectadores.

Uma multidão, um exército de gente invadiu neste ano os museus da cidade em busca da

arte. Segundo estatísticas do Masp, nunca em sua história ele recebeu tantos visitantes como na exposição de Picasso. Para Jorge Rafael Renard, pesquisador do Museu Lazar Segall, este é um fenômeno de massa que não possui relação com uma possível tentativa de abrir o espaço do museu. "Os próprio museus não estão propondo formas alternativas de reverter a relação com a arte. Ainda é muito forte a imagem do museu funcionando como uma escola, uma continuação", acrescenta Jorge.

"Senti como se tivesse tido a minha privacidade invadida". Esta, segundo Luís Martins, professor do curso de Jornalismo, foi a sua primeira impressão ao ver o Masp tão cheio durante a exposição de Picasso, colocando-o numa posição de anonimato, já que a multidão inviabiliza a assinatura na habitual lista de presença de uma galeria. "Surge então um outro movimento de oposição à privacidade, com a multidão não existe mais o espaço ideal do ponto de vista mais simbólico da contemplação. Mas o movimento entre as pessoas, o não haver espaço em branco, apontava para a situação de ver o quadro no tempo", diz Luís.

Nesse sentido, ele considera que ver o quadro nestas circunstâncias, tornava o processo mais pedagógico, pois era possível ver a exposição como um caminho e não como um espaço totalizador. "Ver pulsões sucessivas e fragmentadas, um processo de andar por uma paisagem", completa.

A massa, matriz de uma nova atitude com a arte, desmistifica, interrompe a sacralida-

de, cria um clima de descontração, como se todos estivessem na avenida da praia, onde a paquera era o quadro. Jorge Rafael lembra que este movimento da massa pode repetir o movimento da cidade e da TV, por isso considera fundamental um trabalho ativo, que provoque nas pessoas o sentimento de vivenciar a arte, desmontar concepções estéticas prontas para recriar a imagem. "Somos contra a corrente que diz que a arte deve ser simplesmente preservada e sacralizada num mausoléu. É preciso transformra arte em vida e vida em arte", completa.

Acaso ou não, na opinião de Martins, a massa tornou-se um movimento político, que participou e impôs a vinda de novas exposições. E os motivos? Luís acha que antes de ir para uma exposição todos os motivos são racionalizáveis, mas depois que se passou pela porta de entrada, tudo muda. Uma nova relação nasce pelo fluxo das pessoas ou pela plugagem no quadro. Ver o quadro no meio de muita gente significa experimentar as pessoas. Todos pedaços de um movimento que compõem outro movimento.

Frente a este movimento é indispensável recriar relações cotidianas com a arte. Nem que seja preciso criar com sangue, como dizia Nietzsche, para abrir a possibilidade de montagens e composições, transformando o espaço da exposição através de outra respiração, como o passar de uma palavra para outra dentro de uma poesia, a métrica e o ritmo produzido pelas pessoas que a compõem.



"Em sociedade tudo se sabe. Mas nem tudo se revela..."

(Perry White, by permission)

## QUALQUER NOTA

### "Gritos de Justiça"

Pouca gente sabe das barbaridades jurídicas que aconteceram durante os Governos Militares. Uma boa oportunidade para ficar por dentro do assunto é o lançamento do livro de Mário Simas, "Gritos de Justiça". Simas relata os processos que defendeu entre 63 e 79, revelando os bastidores da justiça da ditadura. A promoção do evento é do Instituto de Estudos Especiais da PUC, e não é por acaso: Simas defendeu a PUC em várias ocasiões, inclusive na invasão policial de 77. Durante o lançamento, que acontece dia 30, às 20h30, na sala 239, pessoas que sofreram perseguição política, como Flávio di Giorgi, Frei Betto e José Osório de Azevedo Jr. estarão dando seus depoimentos.

### Micros só inaugurados

A Biblioteca Central já está engatinhando para entrar, definitivamente, na era da informática. Dia 22 foram inaugurados os dois micros que a PUC recebeu do MEC através do Projeto Biblos. Os micros trabalharão integrados, sendo que um se encarregará de

processar os dados, e o outro ficará à disposição para consulta. Mas não adianta procurar agora: na inauguração os aparelhos tiveram problemas, e foram recolhidos. Até o fim de outubro, porém, a comunidade poderá aprender a operar os aparelhos que começam a funcionar mesmo só em dezembro, quando o cadastro de periódicos estará alimentado.

Aos poucos outros setores da biblioteca serão beneficiados pelo serviço que, para se desenvolver daqui para a frente, vai precisar de mais terminais.

### Um Cheique na PUC!

Dia 13 de setembro a PUC recebeu uma visita curiosa: Trata-se do cheique egípcio Mahmud Al Asfar, diretor geral do Centro Islâmico do Brasil, que veio aqui fazer uma conferência sobre a religião Islâmica.

A idéia de trazer o cheique na PUC partiu dos alunos do curso de História, após terem estudado durante um semestre a expansão árabe na Península Ibérica. Augusto Tada, aluno da história que organizou a vinda do cheique, revelou que Mahmud gostou tanto da conferência que já pediu aos alunos para voltar mais vezes.

## Jogo de Cintura

### Entre nessa. Relaxe

Dentro da programação de atividades comunitárias, a Coordenadoria de Educação Física e de Esportes já está desenvolvendo atividades com funcionários (escriturários (as), vigilantes) e uma mínima parcela de professores. A meta é criar canais alternativos para uma integração da comunidade universitária e auxiliar no alívio de tensões através de atividades coletivas (voleibol, futebol de salão, etc.) e da abordagem corporal. Os interessados poderão procurar a Coordenadoria (ramal 327) para inscrição e sugestões de horários para as atividades.

### Jogos Inter-Básico

Os alunos do básico estão sentindo dificuldades de integrar-se à comunidade puquiana. Por isso estão convocando os básicos de todos os cursos a participar mais da vida universitária. Como? Através do esporte. Nesse sentido, enviaram um manifesto ao Porã, que reproduzimos abaixo:

"A participação dos alunos na Faculdade está bem distante daquilo que tanto se fala nas salas e corredores.

Temos que nos fazer notar, afinal, somos muitos e parecemos mortos nessa imensidão de concreto.

Sentindo isso, nós alunos do bá-

sico, resolvemos organizar jogos (vôlei e futebol) para integrar todos os básicos e conquistarmos o nosso real espaço de participação (tem que ser efetiva e forte em todos os sentidos), afinal, o básico é a porta de entrada da Faculdade.

O objetivo dos jogos é integração e participação, e não, despertar e incentivar a rivalidade competitiva que desune e gera preconceitos.

Os jogos serão realizados em outubro no DERDIC (Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação) na rua D. Neide Aparecida Sollito, 435 — Ibirapuera. Maiores informações com os alunos do vespertino — Maurício, Daniel — sala 310 e Márcia — sala 309, ou na Coordenadoria de Educação Física com Ronaldo".

**ORGANIZEM SEUS TIMES E PARTICIPEM, OS JOGOS SÃO PARA TODOS!!**

### Afapuc na jogada

O departamento de Esportes da Afapuc comunica que já estão sendo realizadas vários tipos de jogos e que as inscrições estão abertas aos interessados. Os jogos são: bilhar, dama, baralho e pebolim (que iniciou seu campeonato em 23/09/86). Os horários para as inscrições são: das 8hs às 17hs — com Roberto e das 17hs às 21hs — com Marcos.





# Vai dar Xilix no ar

“E do NADA surge Alice, a Alice que veio de um país novo. Rádio Alice, Bolonha 1976/77. Não importa quanto tempo durou. Importa é que seus transistores eletreficaram muitos tímpanos. Eletreficaram, botando no ar muitos arrigos barnabês. Eletreficaram, possibilitando que passivos ouvintes se transformassem em locutores, eles próprios porta-vozes das necessidades, dos desejos e ansiedades de si mesmos e de seus agrupamentos sociais. Eletreficaram brincando de forma séria como o desejo e a fantasia.

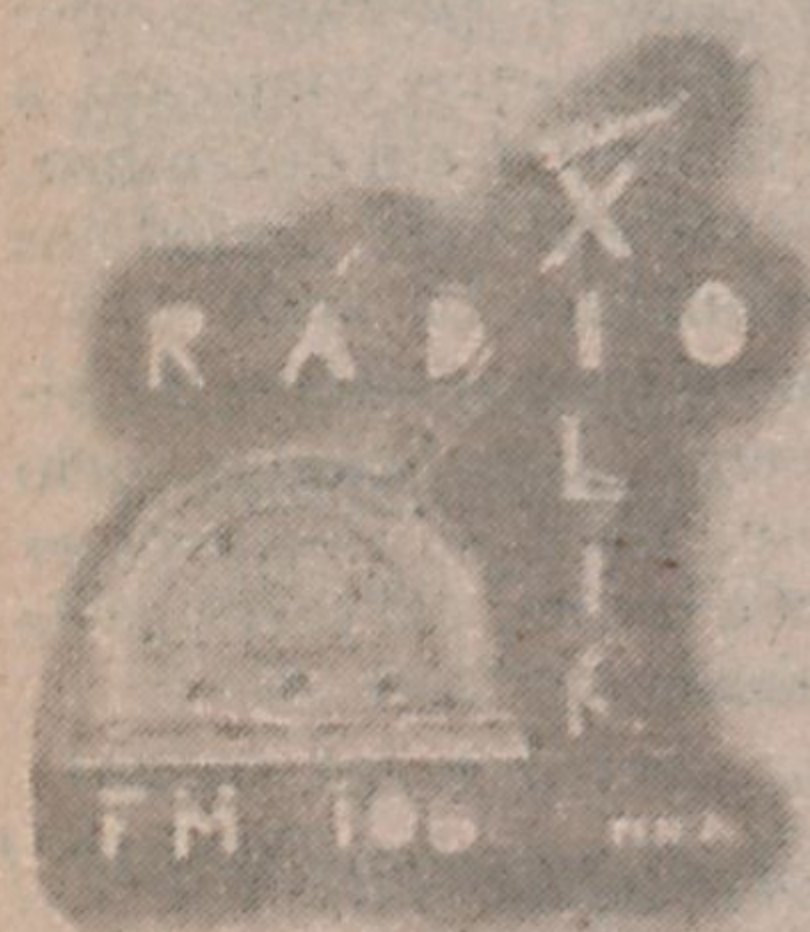
**LIMPEM SEUS OUVIDOS, POIS ESTÁ ENTRANDO NA RAREFAÇÃO DO AR:**

**RÁDIO XIIIILIK SP.**

Estamos aí porque acreditamos que na panela tem muita CCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCRIAÇÃO!

Crie a sua!”

(trecho do Manifesto por Sonoridades Livres — Rádio Xilik — Extraído do livro Rádios livres; a reforma agrária no ar. Arlindo Machado, Caio Magri e Marcelo Masagão. Editora Brasiliense).



Em julho de 85, algo novo entrava no ar. Quem, nessa época, sintonizou nos 106 Kwz da FM teve uma surpresa. Ao invés da monótona “A Voz do Brasil”, o ouvinte foi brindado com programas bem-humorados, irreverentes e, acima de tudo, desobedientes. Assim começa uma das rádios-livres mais faladas de São Paulo: a Xilik.

A idéia de montar a Xilik veio muito antes de suas primeiras transmissões. Ela começou a amadurecer em 81, quando um grupo de pessoas de São Paulo interessou-se pelas experiências das rádios-piratas de Sorocaba. “Nós fomos até lá ver como as rádios funcionavam. Chegamos até a juntar dinheiro para comprar o transmissor”, conta Flash Gordon, apelido de um dos integrantes da Xilik, “mas houve muitos desencontros, muitos problemas técnicos e a rádio acabou não saindo”.

Dessa maneira, o projeto Xilik foi sendo adiado até o início do ano passado quando um novo e maior grupo articulou-se e, com a ajuda de um técnico em eletrônica, que já tinha experiência com rádios-livres na França, montou o transmissor. “Os primeiros testes tiveram início nas férias de julho e em julho mesmo, a rádio foi pro ar”, relembra Flash Gordon.

A partir daí a rádio foi-se ampliando. O número de pessoal aumentou a tal ponto de, hoje, a Xilik ser considerada um coletivo. Na verdade, a rádio é composta por diversos “coletivos”, que tanto podem ser um grupo de pessoas quanto uma pessoa só. Os coletivos são autônomos entre si e responsáveis desde a produção de seus programas até a colocação deles no ar. A programação da Xilik, desde seu início até a quebra do transmissor, em novembro do ano passado, era decidida em reuniões semanais

entre os coletivos. Billy O'Hara Batson explica melhor: “A rádio funcionava de segunda a sábado com uma programação mais ou menos fixa. Cada coletivo tinha um determinado dia da semana para colocar seu programa e a duração deles variava para cada coletivo. O meu coletivo, por exemplo, entrava de 15 em 15 dias e os programas duravam uma hora. O sábado a gente reservava para programas mais longos, geralmente entrevistas”, afirma.

**A panela de feijoada acabou queimando**

Segundo Flash Gordon, nos seus cinco meses de funcionamento a Xilik passou por diversas fases. “Ela era uma das poucas rádios-livres que funcionavam naquele momento em São Paulo. Ela operava como uma rádio que era deslocada. A Xilik era um aparelho que funcionava na PUC e em outros lugares”, acrescenta. Em setembro, o transmissor da Xilik foi emprestado ao Sindicato dos Bancários durante a greve. A Totó Ternura, assim como diversas outras rádios da USP, funcionaram durante muito tempo com o transmissor da Xilik até conseguir montar o seu.

A Xilik, portanto, acabou servindo como meio de viabilizar uma série de rádios que começavam a surgir em diversos lugares como Ipiranga, Guarulhos, Parelheiros, pois o grande problema para quem quer montar uma rádio é a construção do transmissor. “A partir da experiência da Xilik”, declara Gordon, “fundou-se a Cora (Cooperativa dos Rádio-amantes), cuja finalidade é justamente facilitar a construção dos transmissores”. Além disso,



Uma trupe de desobediêntes. Da esquerda para a direita: Gala, Dionísio, Isadora e Pinto Calçado

so, a Xilik promoveu diversos debates e conferências sobre rádios-livres, inclusive um deles aqui na PUC, com a presença de pessoas como o filósofo francês Felix Guattari.

Porém, com tantas idas e vindas, o transmissor, que era montado dentro de uma panela de feijoada, acabou pifando, em novembro. Essa parada serviu para os coletivos realizarem um balanço do que a Xilik vinha fazendo até então. “A gente percebeu que não tinha audiência”, atesta Gordon. De fato, devido à precariedade do transmissor, ficava muito difícil sintonizar a rádio. A Xilik ainda tentou colocar durante os programas um telefone à disposição dos ouvintes, o que acabou não dando certo. “O contato com o público se deu mesmo através de cartas. Nós demos o endereço do DCE e o pessoal escrevia”, afirma Gordon.

O que acabou acontecendo com a Xilik foi um fenômeno curioso. A rádio foi muito mais comentada do que ouvida. Na campanha “Pra Sair da Idade da Pedra”, que a Xilik organizou para arrecadar fundos para compra do novo transmissor, a tese se confirmou. “Tinha gente que falava: legal é, pra Xilik. Nós ouvimos a rádio outro dia, quando ela estava fora do ar há meses”, confirma Gordon.

A explicação para a notoriedade que a rádio ganhou talvez esteja na sua própria concepção. “A idéia é que a Xilik seja muito mais um veículo de desobediência civil do que qualquer outra coisa”, declara Gordon.

**Os piratas atacam os satélites**

Em um de seus programas a Xilik colaborava com as “hortas comunitárias” do Governo Montoro, ensinando como se plantava um canteiro de maconha em casa. O programa da “Bufunfa”, (segundo os xiliquianos, bufunfa são todos aqueles que têm barriga grande, pouco cabelo na testa, que usam terno e gravata e falam de política no horário nobre) foi feito em cima dos depoimentos de janistas logo após a vitória do seu candidato, procurando pegar as contradições entre as entrevistas e tirar um sarro em cima. Coincidência ou não, dias depois, em agosto do ano passado, o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, baixava uma portaria determinando que o Dentel observasse “com intensa vigilância” e “absoluto rigor” as transmissões de rádios-piratas.

Não demorou muito e o Dentel estava na PUC tentando lacrar o transmissor da Xilik. Em vão. Além de não conseguirem lavar o auto de infração ainda tiveram de amargar o vexame de serem enxotados da universidade pelos estudantes.

Porém, os ataques do Dentel não se resumiram apenas a esse episódio. Numa recente entrevista à “Veja”, um dos diretores do Dentel afirmou que as rádios-livres “eram coisa de jovens rebeldes”. “Achamos ótimo sermos juvenzinhos rebeldes”, declara Flash Gordon. “Eles vão ter muita dor de cabeça com os juvenzinhos rebeldes. Vão ter algumas preocupações”, acrescenta.

No entanto, quem pensa que a briga da Xilik é pela legalidade das rádios-livres se engana. No caso de uma concessão do Governo a Xilik perderia a sua autonomia e, além disso, ninguém tem pretensão de seguir carreira em rádio. “Nós queremos é que a desobediência continue. Se liberarem as rádios”, diz Gordon, “nós partimos para as TVs livres. Se legalizarem as TVs nós vamos piratear os satélites”.

Prá quem está cheio da mesmice das FMs e ainda não ouviu a Xilik um recado: ela estará no ar no final de setembro estreado seu novo transmissor mais potente, nos 106 Kwz, no horário da “Voz do Brasil”.